

# O ARROZ COMO METÁFORA EM O *SIGNO DA IRA* (1961), DE ORLANDO DA COSTA<sup>1</sup>

## RICE AS METAPHOR IN ORLANDO DA COSTA'S *SIGN OF WRATH* (1961)

MARIA DE LOURDES BRAVO DA COSTA<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo discute a relação *bhatkar-mundkar* e o modo como o cultivo e a produção do arroz são usados por Orlando da Costa no romance *O signo da ira*. O autor descreve, no contexto de Goa, os conflitos sociais como estando centrados na relação entre o *mundkar* (trabalhador rural) e o *bhatkar* (proprietário). A fragilidade da situação social de quem cultiva o arroz em terras que não lhe pertencem e estando, ao mesmo tempo, dependente desse alimento para a sua própria subsistência, é o foco central do romance. A obra salienta a importância do arroz no quadro da economia de Goa e o modo como a alimentação pode ter um papel importante na organização e regulação social.

**PALAVRAS-CHAVE:** *bhatkar*, *mundkar*, arroz, conflitos sociais e humanos.

**ABSTRACT:** The article discusses the *bhatkar-mundkar* relationship in Goa and how rice cultivation and production are used by Orlando da Costa in the novel *The Sign of Wrath*. The author describes social conflicts as being centered on the relationship between the *mundkar* (rural worker) and the *bhatkar* (landlord). The fragility of the social situation of the *mundkar*, as an individual who cultivates rice for others and is at the same time dependent on it for his own subsistence is the central focus of the novel. Costa's work emphasizes the importance of rice in the economy of Goa and how food can play an important role in social organization and regulation.

**KEYWORDS:** *bhatkar*, *mundkar*, rice, social and human conflicts.

---

1 A autora agradece a Susana Sardo, Hélder Garmes e Duarte Braga pelas sugestões textuais a esse artigo, que é parte de sua tese de doutoramento, em curso na Universidade da Goa. Este texto foi desenvolvido no âmbito do Projeto Temático Pensando Goa, financiado pela FAPESP (Proc.2014/15657-8).

2 Doutoranda na Universidade de Goa.

## Introdução

O presente texto discute a representação da relação *bhatkar-mundkar* (proprietários de terras e trabalhadores rurais, respetivamente) e da produção de arroz no romance *O signo da ira* (1961), de Orlando da Costa, autor de família goesa, que passou sua infância e primeira juventude em Goa, na Índia. Em nosso entendimento, são dois os aspetos centrais da obra: em primeiro lugar, o retrato do cotidiano miserável enfrentado pelos *mundkaram*, ponto central do romance; em segundo, o cultivo e negociação do arroz, assim como a sua importância para a subsistência dessa população.

Muitos autores goeses escreveram, nas várias línguas e gêneros literários do território, sobre a relação *bhatkar-mundkar*. Por exemplo, R.V. Pandit, no seu livro de poesias em concani *Mhajem utor gavddeanchem* (1967), inclui o poema “Pausa, pausa, io re io”, que descreve a tristeza e a ansiedade dos trabalhadores pedindo chuvas a Deus, para terem uma boa colheita de arroz. Lúcio Rodrigues, no seu conto “It Happens” (1954), narra como o filho do *bhatkar* explora sexualmente a filha do *mundkar* e como a mãe do rapaz, para salvaguardar o seu interesse de senhorio, obriga a mãe da menina a enviá-la para Bombaim. João Agostinho Fernandes, um dos pioneiros do teatro concani nos finais do século XIX, escreve *tiatrs*<sup>3</sup> originais abordando as relações sociais do *bhatkar*, em particular nas peças *Batcara-I* (1904), *Batcara-II* (1905), *Kunbi Jaki-I* (1934) e *Tandlanchem Kestaum* (1944). Já Vimala Devi, no seu livro *Monção* (1962) inclui dois contos (“Ocaso” e “Vénus e os seus Braços”), retratando os mesmos tipos de relações. Assim também faz o romancista Orlando da Costa que, ao dedicar parte da sua obra à descrição dos conflitos sociais e humanos da sociedade goesa, dentre eles inclui os problemas enfrentados pelo *mundkar* face à atitude do *bhatkar*, descrito como autocrático e arrogante, maltratando e explorando os trabalhadores.

A importância deste romance torna-se evidente, também, pelo facto de vários autores o terem incluído enquanto obra de referência na história da literatura em língua portuguesa. Rui de Azevedo Teixeira (2000) destaca o seu valor no panorama da prosa portuguesa do século XX e sublinha, ao mesmo tempo,

---

3 Espetáculo teatral de carácter popular, muito comum em Goa e em Mumbai, antiga Bombaim.

os recursos literários que o romancista emprega, seus pressupostos filosóficos e a relação com a estética neorrealista:

Aqui estão os elementos principais: a oposição central entre a fartura e a penúria, entre o proprietário e seus trabalhadores (a oposição entre português e goês é secundária); uma estrutura socio-econômica medieval, de clara exploração, que é encarada como a ordem natural e não a ordem cultural das coisas; a alienação dos *kunmbis*, sua ausência de consciência sobre a exploração a que estão sujeitos, até quase o final do livro; e, finalmente, a semente da revolta, filha de uma conscientização emergente.<sup>4</sup> (TEIXEIRA, 2000, p. 398-400; tradução nossa)

Embora Teixeira escreva na introdução do artigo que *O signo da ira* “narra a história de um ciclo de arroz, durante *rabi*, até à colheita e o roubo posterior da mesma colheita” (TEIXEIRA, 2000, p. 400), não faz qualquer outra menção à importância do arroz no romance. Hélder Garmes (2014), por seu turno, comenta as críticas feitas ao livro por um autor português e dois autores goeses, quando do seu lançamento nos anos sessenta: João Gaspar Simões, crítico (2001 [1961]) literário, Leopoldo da Rocha (1961), historiador, e Pedro Correia-Afonso (1961), agrônomo, respetivamente. Segundo Garmes, João Gaspar Simões sugere que o romance seria uma forma literária inadequada para retratar uma realidade que lhe fica culturalmente muito distante. Conforme Garmes, isso não seria exato, porque Goa não estaria tão longe da Europa e do género romance, uma vez que era uma colónia de Portugal. O pesquisador considera que o aspeto importante deste texto são “os desafios ideológicos que Orlando da Costa enfrentou no meio da comunidade letrada de Portugal e de Goa para representar a exploração colonial portuguesa ao lado da exploração promovida pela tradicional estrutura social indiana, num momento de forte repressão da ditadura salazarista” (GARMES, 2014, p. 249). Quanto à crítica de Leopoldo da Rocha, que ressalta a falta de verossimilhança ao apresentar as altas castas de Goa na pessoa do *Bhatkar*

---

4 Here there are the core elements: the central opposition between plenty and penury, between a landowner and his workers (the opposition between Portuguese and Goans is secondary); a socio-economic medieval structure, of open exploitation, which is faced as the natural order and not as the cultural order of things; the alienation of the *kunmbis*, their lack of awareness regarding the exploitation they are subjected, until well near the end of the book; and finally, the seed of the revolt, son of an emerging conscientization.

Ligôr, que é retratado como uma figura terrível, Garmes considera que Rocha confunde ficção com realidade, uma vez que Costa encena em seu romance o significado social das castas e classes altas e não o carácter deste ou daquele indivíduo que venha a pertencer a essa elite. Pedro Correia-Afonso critica a representação do fenómeno físico e do espaço geográfico no romance, os quais, segundo ele, não seriam verdadeiros. Aqui, novamente, Garmes defende Costa, explicando que o romancista não escreve a história com H maiúsculo, mas, a partir de uma abordagem neorrealista, mostra de forma ficcional uma leitura interpretativa desta história. Acrescenta, ainda, que a perspectiva marxista de Costa condiciona a orientação dos seus textos no sentido de uma maior atenção para as relações sociais e não para os aspetos de verosimilhança relativos a espaços, lugares e geografias de Goa, que Correia-Afonso focaliza. Portanto, o ponto fulcral em *O signo da ira* seria a crítica ao tecido social goês, com base em fortes relações hierárquicas, onde os meios de produção relacionados com a exploração da terra e da propriedade são centrais e não a existência real da aldeia Torsan-Zori, que no romance fica situada perto da cidade de Margão e que, na verdade, poderia ser qualquer aldeia do Concelho de Salcete, onde vivem os *curumbins* – como são designados no livro os trabalhadores rurais.

Ulteriores contribuições sobre o romance de Costa incluem o trabalho de doutoramento de Regina Célia Fortuna do Vale, no qual a autora refere que: “[o] romance de Orlando da Costa impele o leitor a um equacionamento dos problemas decorrentes do colonialismo português na Índia, ao mesmo tempo que o obriga a uma reflexão sobre a intrincada problemática relacionada à divisão de castas, sistema típico dessa sociedade” (VALE, 1999, p.140).

Tendo em conta a abordagem dos autores supracitados sobre o livro, gostaria de colocar o enfoque deste texto no modo como o cultivo e a produção de arroz em Goa é representado, ao mesmo tempo, de importância central para a subsistência dos subalternos e um instrumento de poder do *bhatkar*. Dito de outra maneira: é com base no arroz que se estabelecem as dinâmicas sociais. Quem controla e domina a sua produção, de alguma forma, domina o sistema social. Essa perspectiva, motivada pelo fato de ser esta uma questão central para a história económica e cultural de Goa, não foi ainda abordada de forma detalhada em relação ao livro de Orlando Costa, embora seja um dos principais argumentos do romance.

## Arroz, o alimento básico

O arroz provê o sustento para as pessoas, sendo um alimento que transmite significados múltiplos para diferentes segmentos da sociedade. A tradição marxista tem alertado que é necessário estudar as formas de produção e distribuição de bens nas sociedades, antes de ir em busca da resolução de questões de ordem cultural. Isso reforça a necessidade de estudar a história de como a alimentação foi utilizada como um meio para controlar e hierarquizar a vida social.

Sabemos que os hábitos alimentares e a sua organização dependem das condições geográficas. No caso de Goa, a existência de campos planos e oiteiros e da alternância sazonal entre uma estação chuvosa e uma estação seca propiciou, naturalmente, o cultivo do arroz. Estes campos extensos e altos são conhecidos como *moroda*. Simultaneamente, os vários rios e os seus afluentes, que desenham a topografia do território, fornecem peixe, que é uma componente importante da alimentação goesa. Ao longo dos rios, foram criadas *khazanas*, campos férteis de terras pantanosas, onde a produção de arroz é muito alta. E a estas condições naturais se acrescenta uma extensa área de coqueiros, de produção permanente, sendo o coco um dos ingredientes centrais na preparação dos alimentos em Goa.

Desde uma perspectiva histórica, Goa tem sido predominantemente um estado agrícola onde o principal produto cultivado é, de facto, o arroz. Apesar de ser o alimento essencial de toda a população, nem sempre sua produção foi suficiente. A área reservada ao cultivo de arroz podia ser limitada ou a natureza podia degradar o produto pelas chuvas em excesso ou por sua escassez. Quando a população do território não era numerosa, o arroz seria suficiente para o consumo. Mas, com o aumento da população, o arroz passou a ser importado dos territórios vizinhos (DIAS, 2008, p. 87). Portanto, Goa transformou-se num território deficitário em arroz, ainda que este fosse o seu principal produto agrícola. O comércio e os negócios no Estado Português da Índia, entre 1850-1950, eram essencialmente motivados pela necessidade de obtenção desse cereal (DIAS, 2008, p. 91). Durante o início do século XIX, havia uma importação significativa de arroz do Canará, que chegava a Goa a partir de Basrur, Mangalore, Honavar, Kalianpur e Ponani (DIAS, 2008, p. 86). De acordo com Celsa Pinto (1994, p. 217), Vitalji Kamat, Keshav Parab Cawandy, Vithoji Sinai Dhempe e os irmãos Mhamai

de Goa foram alguns dos comerciantes mais envolvidos no florescente comércio de arroz na costa oeste da Índia.

É importante reafirmar que o arroz é o alimento básico da dieta diária em Goa. É geralmente comido com caril de peixe ou lentilha em molho (Dahl). No passado, era consumido até quatro vezes ao dia por aqueles que podiam dar-se a esse luxo: a canja<sup>5</sup> na parte da manhã e também numa refeição ao meio da manhã, arroz e caril ao almoço e jantar, e para alguns, canja ao jantar.

Aqueles que possuíam e administravam o cultivo dos campos de arroz eram os senhores de terra, incluindo alguns integrantes da classe média. A maioria das terras era propriedade de Comunidades aldeãs ou *Gaunkari*. *Gaum* é uma aldeia; *Gaunkar* é o dono da terra livre (*freeholder*) e oriundo dessa aldeia; e *Gaunkari* são suas associações ou cooperativas de *gaunkars*. Os portugueses chamaram-lhes Comunidades, porque os *gaunkars* administravam as terras da aldeia de forma comunitária. Esta palavra entrou na língua vernácula e é por esse nome que essas associações são geralmente conhecidas (Cf. PEREIRA, 1981). Paralelamente havia indivíduos, proprietários da terra, mas não oriundos das aldeias, aos quais era atribuído o nome em concani de *bhatkar* (dono do *bhat*). Finalmente, havia aqueles que trabalhavam nos campos, que tinham de partilhar os produtos que cultivavam com os proprietários das terras. Eram designados por *mundkaram*. Para estes, era essencial que a colheita fosse boa, de outra forma eles não só não teriam o suficiente para comer, mas estariam em dívida para com o proprietário. Os *bhatkars* não tendo destrezas técnicas nem força de vontade para cultivar os seus terrenos por si próprios, dependiam totalmente da mão-de-obra dos agricultores. Assim, não podendo ou não querendo dedicar-se eles próprios à cultura dos campos, os *bhatkars* arrendavam os seus terrenos, impondo aos arrendatários a obrigação de pagar uma renda em dinheiro ou artigo pelos benefícios que obtinham dos terrenos (MIRANDA, 2012, p.108).

Como o trabalho dos campos requer intensa mão-de-obra no decurso do ano inteiro, os proprietários mais tradicionais tinham à sua disposição um bom número de *mundkaram* com os quais mantinham um relacionamento social de características muito peculiares, e que tinham a sua casa de moradia na propriedade do *bhatkar* (MIRANDA, 2012, p.109). O pedaço de terra necessário para a

---

5 A canja é arroz cozido, bem macio, com bastante água, que se toma como caldo.

construção de casas para habitação era cedido, com a obrigação de o *mundkar* pagar anualmente ao *bhatkar* uma certa importância em dinheiro pela ocupação do terreno concedido. Ou, em certos casos, os *mundkaram* comprometiam-se a prestar serviço ao *bhatkar* por um salário inferior ao normal. É justamente desta relação entre *batkar*, *mundkar* e a terra, mediada pelo arroz, que trata *O signo da ira*, demonstrando a centralidade do *mundkar* no estabelecimento de relações de dependência e de gestão do próprio arroz. O enredo coloca em equação o *mundkar* Gustin, a sua mulher Quitrú, e o *batkar* Ligôr. Gustin e Quitrú esperam um filho que irá nascer dentro de dois meses, mas o arroz que Ligôr lhes dá para consumir durante esse período é manifestamente insuficiente, mesmo comido frugalmente:

Sob o olhar sombrio de todos, numa bela manhã de sol, o arroz foi distribuído pelas famílias do povoado. Quitrú olhou, com os olhos rasos de lágrimas, as três medidas de arroz que acabava de despejar para um canto do celeiro. – Esse arroz – Gustin apontou com o pé para o celeiro quase vazio – é só para si. Deve comê-lo até a criança nascer. Você tem de alimentar-se para que não lhe falte o leite dos primeiros tempos. Entretanto... virão as chuvas e talvez as coisas mudem... (COSTA, 1996, p. 152)

O romance mostra ainda o modo como o *batkar* exerce o poder, atribuindo ao *mundkar* toda a responsabilidade pela produção deficitária e desenvolvendo manobras de ocultação para mascarar a quantidade de arroz produzido, assim penalizando o próprio *mundkar*, vendendo o arroz e dizendo que foi roubado:

Vocês até parece que não estão ainda habituados à falta de arroz... – Sob cada uma das suas palavras brilhava uma faúlha de cinismo. – Durante estes últimos anos, em minha casa também não se comeu mais arroz *pacharil* e em vez de açúcar temos usado jagra. [...] É certo que desta vez foi muito pior... Uma desgraça nunca vem só. Traz consigo outra... e outra... Eu fui roubado, toda a minha colheita foi assaltada na máquina de descasque... (COSTA, 1996, p. 148-149)

Tratava-se de um sistema de troca, em que a retribuição do trabalho do *mundkar*, ordenado pelo *bhatkar*, era feita em géneros. Tradicionalmente, este modo de pagamento dependia das disposições estabelecidas pelos *bhatkars*: eles po-

deriam entregar a terra para o cultivo aos *mundkaram* e, em troca, obter arroz como pagamento. Ou eles poderiam fornecer a terra e também as sementes e obter do *mundkar* arroz como pagamento. Ou o *bhatkar* poderia apenas empregar os *mundkaram* para lavrar a terra e dar-lhes o arroz em troca. Em qualquer das opções, o *bhatkar* sairia sempre beneficiado. Além disso, a dependência de uma boa colheita era muito importante, porque o pagamento em espécie para os *mundkaram* estaria diretamente relacionado com a maior ou menor produção de arroz.

Em Goa muitas várzeas são cultivadas duas vezes ao ano: a primeira, durante a monção que decorre entre os meses de junho a setembro é designada por *serôdio* ou *kharif*; a segunda, durante o inverno seco, entre novembro e fevereiro, e toma o nome de *vangana* ou *rabi*. Se a primeira colheita durante a monção não der um bom rendimento, o *mundkar* tem a chance de ter uma boa produção na segunda, para que possa alimentar-se a si e à sua família (*Techno Economic Survey*, 1964, p. 28). A *vangana* aproveita a água da chuva do terraço, que é a monção do Nordeste, reservando-a numa *tollem* (lagoa) construída pela Comunidade. A água é usada para irrigação dos campos por meio de valas construídas para este fim e é gerida e controlada por um indivíduo designado por “regador”, que é nomeado pela Comunidade para exercer o trabalho da rega. Cada aldeia tem pelo menos uma *tollem* e a água que sobra depois da *vangana* é também utilizada para cultivo de outros vegetais ou frutos do inverno. No caso da *vangana*, a plantação começa em novembro ou na primeira semana de dezembro, enquanto o *serôdio* se inicia em junho (*Techno Economic Survey*, 1964, p. 28).

### **O *bhatkar* e os *mundkaram***

Como já foi dito, os indivíduos proprietários da terra onde são cultivados principalmente arroz, coco, noz de arequeira, manga, jaca, caju, entre outras frutas e cereais muito comuns em Goa, designam-se em concani pelo nome *bhatkar* (proprietário do terreno). Desdobra-se em *Bhat*, que em linguagem vernacular significa terra, e *kar*, que expressa a ideia de posse sobre algo: uma profissão ou a aldeia de origem. Preferimos traduzir *kar* pelo conceito de “título” (MIRANDA, 2012, p. 106).



Em Salcete, geralmente, os *mundkaram* pertenciam ao grupo *kunnbi* (curumbim, como eram designados pelos portugueses), uma comunidade semitribal agrícola (MIRANDA, 2012, p. 106). Os *kunnbi* viviam e tinham suas casas em terras que não lhes pertenciam; da mesma forma que cultivavam a terra sobre a qual não possuíam direitos, pois o *bhatkar* era considerado o verdadeiro proprietário, sendo, frequentemente também *gaunkar*, ou seja, descendente dos fundadores daquele povoamento. Era dito, por contraste, que os *mundkaram* seriam filhos do vento e do sol. Estas circunstâncias tiveram uma consequência psicossocial complexa, uma vez que os *mundkaram* estavam à mercê dos *bhatkars*, o que criou, de acordo com Rui Gomes Pereira, um dever de deferência social e exploração socioeconômica (PEREIRA, 1981 *apud* MIRANDA, 2012, p. 111). O *mundkar* teria que estar sempre disponível para qualquer tipo de trabalho, rural ou doméstico, que o *bhatkar* necessitasse, podendo ser punido em caso de recusa ou de maus resultados da produção ou, mesmo, expulso do seu lugar de habitação, situação que só veio a ser parcialmente resolvida em 1975, através do ato legislativo designado por “Protection from Eviction”.

Em *O signo da ira*, Orlando da Costa faz uso das suas memórias e experiências pessoais passadas em Goa, onde viveu até à adolescência. Coloca a ação do romance num momento em que os rumores da Segunda Guerra Mundial se faziam sentir em Goa e quando a produção de arroz não era suficiente para o consumo entre as diferentes estações (a *vangana* e o *serôdio*), em razão das incessantes chuvas e da escassez de sementes. O governo tinha, então, que importar arroz da Birmânia, na altura ocupada pelo Japão.

### **O signo da ira**

Numa entrevista concedida ao Pe. Eufemiano Miranda (MIRANDA, 2012), Orlando da Costa fundamenta numa motivação humanista a necessidade de escrever o seu primeiro romance sobre a realidade social de Goa. O apelo que Goa teria sobre ele enquanto o seu lugar de origem promoveu também um sentido solidário, usando a escrita como forma de alertar para realidades sociais de extrema desigualdade (MIRANDA, 2012, p. 140):

Como já disse, escrever esse primeiro romance, sobre a realidade de Goa, foi um profundo apelo que senti e a que acedi. As perspectivas com que na altura encarava essa realidade e as relações que definiam a sociedade local encaminhavam, de modo coerente, para uma visão social marcadamente materialista e de fundas raízes humanistas. (MIRANDA, 2012, p. 141)

O autor nunca vivera numa aldeia, tendo habitado, crescido na cidade de Margão e residido um ano na capital, Panjim. No entanto, na sequência de um problema do foro cardíaco diagnosticado ao pai, a família mudou-se durante algum tempo para a aldeia de Torsan-Zori, no então distrito de Salcete, perto da cidade de Margão, onde estava instalado um acampamento do exército português. O jovem Orlando da Costa tinha então 12 anos de idade e é possível que as descrições da vida aldeã que encontramos no romance venham deste tempo em que o escritor em formação andava de bicicleta em redor da aldeia, observando a paisagem e os acontecimentos.

A escrita do livro foi ganhando forma já na idade adulta à medida que a luta pela libertação de Goa ia ganhando impulso e que estreitava o seu contacto com o Partido Comunista e os líderes do movimento de independência das colónias portuguesas africanas. A relação *bhatkar-mundkar*, que constitui o argumento central do romance, é um dado concreto da realidade goesa, por meio do qual manifestou seu ponto de vista marxista, bem como a expressão de uma atitude socialista de combate à injustiça social.

*O signo da ira* foi finalmente publicado em 1961 e logo aclamado como uma obra-prima da literatura indo-portuguesa, tendo sido objeto de quatro edições, a última das quais em 1996. Quando Costa foi agraciado com o Prémio Ricardo Malheiros pela Academia das Ciências de Lisboa, em 1962, João Gaspar Simões afirmou que *O signo da ira* era o primeiro romance adulto da Índia Portuguesa escrito no século XX (SIMÕES *apud* DEVI & SEABRA, 1971, p. 208). Orlando da Costa formou-se como escritor em diálogo com autores portugueses de pendor neorrealista, cujas obras interpelavam a realidade das camadas sociais subalternizadas. No caso de uma sociedade simultaneamente agrícola e colonial como a de Goa, o protagonista dessa camada social oprimida era o lavrador e as contradições da sociedade em que vivia. Assim, *O signo da ira* ilustra perfeitamente as principais preocupações do neorrealismo, enquanto movimento artístico

comprometido com a denúncia da realidade dura e nua, das injustiças sociais, da desigualdade de gênero, com vista à construção de um futuro melhor.

Costa usou os alimentos, enquanto necessidade básica para a sobrevivência, como termómetro da tensão social, mostrando como o arroz cultivado pelos *mundkaram* é usado pelos *bhatkaram* como instrumento de controle. Para conseguir um punhado deste alimento, os *mundkaram* são obrigados a sacrificar não só o seu trabalho e a sua dignidade pessoal, mas também a dos seus próprios filhos ou netos. É o caso de Jaqui, que se vê na “obrigação” de autorizar a sua neta Natél, uma jovem adolescente, a trabalhar em casa do *bhatkar* como empregada doméstica. Jaqui sabia o que isso significava. Não seria apenas uma carga de trabalho duro, mas também significaria que Natél iria ser usada sexualmente pelo *bhatkar*. Apesar disso, o seu avô está pronto para aceitar o destino, pois sabe que Natél teria pelo menos uma refeição diária garantida em casa do *bhatkar* e um lugar onde ficar depois da sua morte.

A história gira em torno do *bhatkar* Ligôr, seus *mundkaram* (Pedru, Jaqui, Gustin, Kitru, Bostião, Coinção, Natel) e Rumão, que é dono de uma taverna, assim como soldados portugueses, entre outros personagens. Logo no início do romance, é descrita a preparação do cultivo do campo de arroz para a *vangana*. Já que não há chuvas, os homens começam a trabalhar os campos irrigando-os com água dos reservatórios ou lagoas, os *tollem*. Abrem valas de modo que a água seja distribuída para inundar as várzeas de cômodo a cômodo. No romance, o cultivo da *vangana* surge como primordial para os *mundkaram*, que, durante os últimos dois anos, não tinham tido arroz suficiente para comer. A produção não fora boa devido ao excesso de chuvas e à insuficiente disponibilidade de sementes para o cultivo. O arroz que produzem durante a *vangana* representa o seu meio de subsistência durante os restantes meses, até à próxima safra da estação chuvosa:

À porta, nas soleiras embostadas, as curubinas costumavam a essa hora meter em cestos de bamboo, junto com o peixe seco para o almoço, *podgué* fumegantes de canja ou arroz cozido, depois de lhe escorrerem para as cheretas a água turva e gomosa que sorviam. Agora, porém, o *ambil*, as papas escuras de nachinim, substituem o gostoso péz de grandes bagos de arroz raiados de ocre. Há cerca de dois anos que o arroz lhes vem faltando e em seu lugar nas velhas panelas de barro denegrado cozeu-se o nachinim miúdo e o *bajri* amarelento. Durante esse

tempo todo, as mulheres e os homens que trabalhavam nos arrozais quase se esqueceram do seu sabor e as crianças, nas magras e incertas colheitas daqueles anos, lembravam-no trincando às escondidas as próprias espigas douradas. (COSTA, 1996, p. 10)

As mulheres rogam a Deus por uma boa colheita, usando a espiga de arroz mantida no oratório ou próximo do quadro do santo na casa: “Saibá, tende piedade de nós”. Para agravar a situação, havia rumores da guerra. A fonte de arroz que vinha da Birmânia tinha sido extinta após a ocupação do país pelos japoneses. A falta de arroz em Goa – e na Índia – não era um problema novo, tendo atingido níveis extremos durante a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. Os jornais da época falam da escassez de meios de subsistência, como o arroz e o açúcar, e revelam as medidas tomadas pelo governo, regulando a venda de alimentos e fixando preços.

A *vangana*, portanto, representava toda a esperança da população de curumbins. Este era o caso do casal Quitrú e Gustin, os *mundkaram* do *bhatkar* Ligôr. Esperavam que a *vangana* desse ano os aliviasse da privação e das incertezas em que eles viviam desde o seu casamento. Nutria-os a esperança de que o seu filho, ainda por nascer, fosse crescer sem fome, porque iriam alimentá-lo com o leite da mãe, a partir do arroz.

Bostião, que era secretamente apaixonado por Natél, a neta de Jaqui, aguarda com expectativa e hesitante o melhor momento para falar com Jaqui sobre os seus sentimentos e lhe apresentar uma proposta de casamento. Primeiro, decide aproximar-se dela após o cultivo da várzea, mas acaba por considerar que seria melhor esperar até que a espiga estivesse pronta para a colheita ou mesmo depois da colheita, no final da *vangana*, ou ainda depois de receber do *bhatkar* o seu quinhão do arroz. E continua a pensar: “E após as colheitas, pagas as dívidas, casamos... se você achar bem. Isto é o que eu vou dizer ao velho”. A *vangana* era a esperança reparadora para todos:

Para além do que podia significar para todos os que habitavam naquele povoado, a *vangana* para si e para Gustin e Quitrú, que esperam o seu primeiro filho – ele sabe, todos sabem –, a *vangana* representa toda a esperança que ele pode ter, o pouco que a vida concede aos homens, humildes como ele, em tempo de amor e de morte. (COSTA, 1996, p. 11)

É importante referir que durante tempos difíceis como os retratados no romance, milhares de goeses pobres e mesmo remediados cruzaram os limites de Colem à procura de emprego para manter e ajudar a família. Não eram só os homens que emigravam. As mulheres também eram afetadas. Havia, nessa altura, escassez de empregadas domésticas em Goa, porque quase todas as meninas *sudras* emigravam para fora de Goa, onde teriam um salário mais compensador. Goa apresentava, de facto, oportunidades de trabalho muito limitadas, sem indústria que pudesse gerar empregos. Embora o arroz fosse o alimento básico dos goeses, a sua produção só garantia cinco a seis meses das necessidades básicas de consumo. Nos restantes, as pessoas dependiam do arroz importado, que era necessário comprar e pagar em dinheiro. Como a maioria das pessoas era constituída por trabalhadores agrícolas, para os quais havia apenas empregos sazonais e pagos em géneros, durante o resto do ano estes tinham que encontrar outras formas de rendimento que fossem ressarcidas em dinheiro. E isto justificava a forte emigração na busca de melhores condições de vida (MASCARENHAS-KEYES, 2011, p. 187).

No entanto, os *mundkaram* idosos não tinham outra opção a não ser a de mendigar todos os sábados, junto à casa do *bhatkar* e às casas abastadas da cidade, na esperança de receber um punhado de arroz. Cada um deles carregava uma *chereta* de coco na mão, que estendiam em direção à porta do *bhatkar*. A oração era repetida de porta em porta “Noman’ Morie, Noman’ Morie ...” Um punhado de arroz era colocado na *chereta* em troca de orações que os pedintes da aldeia ofereciam a Deus, solicitando graças para si e também para os ricos proprietários, quando lhes davam esmolas. No entanto, quando o *bhatkar* não considerava a produção de arroz satisfatória, a esmola era dada em moedas, com as quais dificilmente podiam comprar alguma comida:

“Hoje, para que serve o dinheiro, Saibá?”, continua pensando Bostian. O arroz, por pouco que fosse, sempre se dividia pelos dias da semana, cozia-se, bebia-se-lhe a água pela manhã, mastigavam-se alguns bagos a meio do dia e de noite aconchegava-se o estômago ao chão batido dos casebres. (COSTA, 1996, p. 118)

O arroz era de fato não só a principal riqueza como também a moeda de troca em Goa, o que é central para a estrutura da narrativa de *O signo da ira*. Este valor primordial é também usado como cenário de outras relações de poder,

exercidas pelos homens sobre as mulheres. O exemplo mais evidente coloca em relação Ligôr *bhatkar*, a jovem Natél (neta de Jaqui) e Coinção, filha de Pedru. Coinção tem cerca de vinte anos. É a filha mais nova de seus pais e, de acordo com a tradição em Goa, quando não há filhos varões é a filha mais nova que tem a responsabilidade de cuidar dos pais. Neste caso, Coinção trata da mãe acamada e do pai alcoólatra. A pessoa que se casasse com ela teria que a acompanhar nesse desígnio, o que torna difícil que receba qualquer proposta de casamento. Sabendo disso, Coinção propõe-se ir para casa de Ligôr *bhatkar* em vez da jovem Natél, para que esta possa casar-se com Bostião e, também, como forma de ela própria fugir à solidão e garantir algum alimento. Coinção estava ciente sobre o destino das mulheres *mundkharam* que viviam em casa de Ligôr *bhatkar*. Sabia que iria perder a sua virgindade. Mas, que diferença faria? Ela não tinha o amor de nenhum homem, nem algum interessado nela. E talvez o *bhatkar* ainda arranjasse depois um rapaz para casar com ela.

Na narrativa, *bab* Ligôr vê pela primeira vez Coinção no dia da festa em sua casa, e decide que ela deveria ir trabalhar para ele, ordenando que o fizesse antes do final do ano, mesmo sem saber o seu acordo com Natél. Uma vez em casa do *bhatkar*, Coinção é enviada para o antigo quarto de arrecadação, entre o celeiro e o sótão, longe das instalações de outras empregadas domésticas. Atrás do seu quarto eram as latrinas. Quando entra no quarto, sente-se só e assustada, no meio de um monte de coisas gastas, olhando para o velho sótão e sentindo o intenso cheiro do arroz. Ela sabia que teria que fazer o mais difícil dos trabalhos: teria de aplicar bosta de vaca no chão (hábito indiano do mundo rural), levar o arroz (*bate*) para a fábrica de descasque e carregar os cocos da propriedade para a casa, em inúmeras viagens. Também teria que lavar as bacias sanitárias dos velhos e doentes. E devia tomar as suas refeições sozinha, longe dos outros. Mas ao menos não sofreria por causa de fome.

Pensando naquilo que deixou para trás – as cabanas, Natél, Quitrú, seu pai andando no meio da noite como uma alma de outro mundo, a mãe a lamuriar sobre a esteira no chão, e Rumão, o dono da taverna que dela se aproximou, ávido de desejo, numa noite em que levou o seu pai a casa totalmente embriagado, deixando-lhe inesquecíveis sensações –, Coinção tem seu coração cheio de angústia e inquietação. A angústia leva-a a agarrar o arroz com as mãos e a mordê-lo: “De joelhos, as suas mãos frias afundaram-se no monte de arroz até

aos punhos, a sua cabeça pendeu e de faces molhadas Coinção trincou os bagos crus com ferocidade.” (COSTA, 1996, p. 121).

É neste momento que o arroz se transforma também, na trama do romance, numa espécie de catalisador emocional acompanhando o destino submisso de Coinção à mercê das vontades do Ligôr *bhatkar*. Talvez o momento de maior violência emocional aconteça quando Bab Ligôr, entrando no celeiro com uma lâmpada nas mãos, atira Coinção sobre o arroz em casca, que desliza e se espalha pelo chão. Ela fica atordoada com a violência e frieza do patrão. Esperava algumas palavras dele, mas nada é dito.

Esmagada pelo silêncio, sentiu-se derrubada e o contacto áspero do arroz trouxe-lhe uma estranha saudade de um tempo que não chegara nunca a viver, e uma indefinível sensação de docilidade. Um cheiro acre e próximo, espalhando-se, excitava-a. Sentiu vontade de espirrar. Foi quando, sob um peso cada vez maior, o arroz pareceu estremecer, a sua cabeça descaiu para trás e os olhos, cerrados, deixaram transpirar as primeiras lágrimas de dor e pesar. (COSTA, 1996, p. 129)

A violência emocional e física contra a personagem acontece literalmente em cima do arroz, uma forma simbólica que o narrador encontra de mostrar a ligação entre a produção de arroz, os comportamentos dos personagens e as relações de poder entre eles. A crueldade do proprietário para com a *mundkhar*, subalternizada e frágil, continua a ser exposta pelo narrador quando descreve o momento em que Ligôr se aproxima de Coinção para saber se ela tinha tido alguma relação física com Rumão, sabendo que ele estava com lepra. Encontra-a deitada nua sobre o colchão e acorda-a, colocando o pé sobre a sua coxa e logo a seguir no ombro, comunicando-lhe as suas intenções:

– Esteja quieta! – A sua voz, encolerizada, estava carregada de desprezo. – Não pense que vim aqui com as mesmas intenções do outro dia...– Um breve sorriso de ironia repuxou-lhe os lábios, num esgar. – Não é meu costume, sabe? As manducares como você... comigo só dormem uma vez! E não é na minha cama. É na esteira! Convosco eu gosto que isso se passe na esteira... É onde vocês estão melhor!...– As manducares – repetia – como você...eu só as uso uma vez...E é a primeira, percebeu? (COSTA, 1996, p. 202)

Outro aspecto da violência também transparece quando os homens vão para a taverna e Rumão informa-os que o arroz fora roubado. Só se vê tristeza e sofrimento nos seus olhos. Todos os seus sonhos esmagados!

– Mas eu sei mais que vocês... E sem ter ido à cidade! – disse com os olhos a luzir. Encheu com a mão segura os copos alinhados na sua frente. – O arroz de *bab* Ligôr, sabem? Foi roubado na máquina de descasque. Não chegou a ser trazido de lá. Desapareceu! – Fez uma curta pausa e prosseguiu, sem que ninguém o tivesse interrompido. Estavam todos atônitos.

– O dono da máquina indenizou-o, mas o arroz que vocês plantaram e as vossas mulheres no outro dia colheram, esse desapareceu! (COSTA, 1996, p. 145)

Eles se reúnem e vão de encontro ao *bhatkar*, que lhes diz que o arroz foi roubado quando este foi levado para a máquina de descasque. A verdade era que o *bhaktar* vira uma oportunidade de ganhar dinheiro com a venda do arroz no mercado negro. Desta forma, ele teria dinheiro adicional, do qual muito necessitava para pagar as suas dívidas. Ele já tinha vendido todas as várzeas que tinha herdado de seus antepassados, exceto a atual, havendo rumores que a mesma fora hipotecada. Na verdade, a ação do romance passa-se em um período em que os goeses estavam enfrentando dificuldades por conta da indisponibilidade de alimentos essenciais, importados da Índia Britânica. Mesmo os *bhatkars* e as famílias abastadas usavam a *jagra* (rapadura) em vez de açúcar. Para comprar petróleo as pessoas tinham de ficar na fila por metade de um dia, para obter o suficiente para acender as lâmpadas à noite. Assim, ainda que o governo de Salazar se houvesse declarado neutro, os efeitos da guerra chegavam também a Goa.

O corrupto *bhatkar* disse então aos *mundkaram* que não tinha como pagá-los, pois o arroz fora roubado quando levado ao moinho. Sugere-lhes que suportem a fome por mais alguns meses e, cinicamente, acrescenta que a falta do arroz não é um fenómeno novo, pois a mesma situação já tinha acontecido antes. No entanto alguns deles perguntaram-lhe qual seria o destino de seus filhos. Para acalmá-los, promete-lhes uma pequena quantidade de arroz para as crianças, pois retivera uma parte no seu celeiro, para consumo de sua família.



– Mas... a nossa parte, o nosso quinhão – disse sem baixar os olhos –, bab Ligôr não mandou para a máquina...

– Não! – respondera prontamente. – Mas não contem com ele. Dar-vos-ei uma parte... para as crianças. À sua volta os olhos tinham-se erguido, trazendo até ele um estranho, desconhecido fulgor. Pela primeira vez aqueles rostos pareceram-lhe capazes de se transfigurar ao apelo de uma força nova, fosse ela de vingança, de ódio ou de simples protesto. (COSTA, 1996, p. 149)

Coição, que dormia no sótão do celeiro, sabia que havia arroz suficiente para alguns meses. Envia uma mensagem para os *mundkaram* que ela vai roubar algum para satisfazer as necessidades deles. Bostião propõe-se a levar-lhes o arroz no meio da noite, sendo necessário arranjar um lugar seguro para deixá-lo e, posteriormente, distribuí-lo entre todos. O local escolhido foi a taverna do Rumão, que nesse meio tempo fora preso, porque negociara ilegalmente gasolina do exército português, contrabandeada por um soldado.

Nesse momento, há uma reviravolta trágica na trama. Quando Rumão estava preso, descobrem que tinha lepra. Na ocasião em que o padre Antu vai visitá-lo na prisão, confessa-lhe que tinha tocado em Coição. O padre, que conhecia as actividades nefastas do Ligôr e sabia do interesse de Rumão por Coição, informa o *bhatkar*, temendo que ele possa contrair a doença no caso de Coição ter sido contagiada por Rumão. Irritado em saber que Rumão tinha lepra e que a havia tocado, embora estivesse ciente de que ela era virgem, Ligôr ameaça Coição, dizendo que iria resolver um assunto. Sem saber exatamente ao que o *bhatkar* está referindo-se, já que ela não tinha conhecimento da situação de Rumão, pensou que ele sabia da ajuda que ela dera aos *mundkaram* para roubar o arroz. A pobre menina, assustada e incapaz de suportar as consequências, enforca-se ao caibro do telhado.

Nesse ínterim, o soldado português que costumava vender gasolina contrabandeada, para acabar com qualquer evidência contra ele, mata Rumão e incendia a taverna. O arroz roubado, que se encontrava escondido ali, também é convertido em cinzas. Assim, todas as tribulações foram em vão.

– Saibá! – soluçou Quitrú encostada ao umbral da porta do seu casebre. As suas mãos entrelaçaram-se fazendo estalar os ossos e um arrepio percorreu-lhe o corpo pesado e desfalecido. Cerrando os olhos húmidos, ajoelhou e repousou.

– É preciso salvar o arroz, o arroz, o arroz... disse com quanta força tinha.

– Saibá! O que vai ser de nós! – Por que amaldiçoastes aquele arroz que é nosso, Saibá? (COSTA, 1996, p. 234)

O desespero nas preces da Quitrú, para tentar salvar o arroz, que tinham conseguido obter com tanta dificuldade e segredo, e que se perde definitivamente, apesar de todo o esforço para pôr fim às chamas, mostra bem que, para estes personagens humildes do romance, o arroz é o mais importante do que tudo.

## Conclusão

Orlando da Costa, para representar as relações entre *bhatkar* e *mundkar* em Goa, coloca em evidência a importância do arroz na vida daquelas personagens. A relação com a comida e nomeadamente com o arroz é utilizada para recriar a luta pela sobrevivência, mas também as relações de poder entre proprietários e trabalhadores da terra, entre homens e mulheres. Arroz significa riqueza, vida, saúde, solidariedade, mas também fome, corrupção, luxúria e poder. No romance este cereal estabelece hierarquias, define modos de vida – incluindo os que se prendem com os modos devocionais –, inscreve dependências vitais (como a necessidade do arroz para alimentar as crianças), adquire valor de moeda e confere vários tipos de poder: o poder da posse (no caso do *batkar*) e o poder do saber (no caso do *mundkar* que o cultiva). E é também uma metáfora para o entendimento da fragilidade da vida: o arroz, tal como a vida, está sujeito às vicissitudes do tempo e das monções, à vontade de Deus, ou dos Deuses, e ao arbítrio dos homens. Deste modo, o que no fundo podemos inferir do romance de Costa é que o poder económico – aqui representado pela posse do *batkar* – transcende o poder do saber e até o poder divino, porque gera e aprofunda hierarquias e relações de dependência aparentemente insuperáveis. No fundo o arroz é, no caso do texto do Orlando da Costa, uma metáfora para o entendimento do tecido social de Goa em meados do século XX.

## Referências

- CORREIA-AFONSO, Pedro. “A cor local na obra de Orlando da Costa”, 1961. Disponível em: <http://archiveofgoanwritinginportuguese.blogspot.in>. Acesso em: 12 de março de 2016.
- COSTA, Orlando da. *O signo da ira*. Lisboa: Temas da Actualidade, 1996.
- DEVI, Vimala. *Monção*. Lisboa: Dédalo, [1963] 2003.
- \_\_\_\_\_ & SEABRA, Manuel de. *A literatura indo-portuguesa*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1971, 2 v.
- DIAS, Remy. Some Aspects of the Consumption History of Estado da India: 1900-50. In MALEKANDATHIL, P.; DIAS, R. (eds). *Goa in the 20<sup>th</sup> Century. History and Culture*. Panaji: Institute Menezes Braganza, 2008, p.72-121.
- FERNANDES, Agostinho. *Batcara - Part I*. Bombay: L. M. Furtado and Sons, 1909.
- \_\_\_\_\_. *Batcara - Part II*. Bombay: Victoria P. Works, 1916.
- \_\_\_\_\_. *Kunbi Jaki Part II*. Bombay: 3 September 1941.
- \_\_\_\_\_. *Tandulanchem Kestaum*. Margao: 14 to 16 July 1944.
- GARMES, Hélder. “Colonialismo e conflito cultural em *O signo da ira* de Orlando da Costa”. In: MACHADO, Everton; BRAGA, Duarte (orgs.). *Goa portuguesa e pós-colonial: literatura, cultura e sociedade*. V. N. Famalicão: Húmus, 2014, p.237-251.
- MASCARENHAS-KEYES, Stella. *Colonialism, Migration and the International Catholic Goan Community*. Saligão: Goa 1556, 2011.
- MIRANDA, Eufemiano de Jesus. *Oriente e Ocidente na literatura goesa: realidade, ficção, história e imaginação*. Saligão: Goa 1556, 2012.
- PEREIRA, Rui Gomes. *Goa vol.II. Gaunkari (The Old Village Association)*. Panaji: A. Gomes Pereira, 1981.
- PINTO, Celsa Pinto. *Trade and Finance in Portuguese India: A Study of the Portuguese Country Trade 1770-1840*. New Delhi: Xavier Centre of Historical Research, 1994.
- ROCHA, Leopoldo da. “*O signo da ira* de Orlando da Costa”, 1961. Disponível em: <http://archiveofgoanwritinginportuguese.blogspot.in>. Acesso em março de 2016.
- RODRIGUES, Lúcio. “It Happens”. In *Modern Goan Short Stories*. VAS, Luis S. Rita. ed. Mumbai: Jaico Publishing House, 2002, p. 5-8.
- SIMÕES, João Gaspar. “Orlando da Costa – *O signo da ira*”. In: *Crítica III – romancistas contemporâneos 1942-1961*. 2.ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, 390-393.
- TECHNO *Economic Survey of Goa, Daman and Diu*. New Delhi: National Council of Applied Economic Research, 1964.
- TEIXEIRA, Rui de Azevedo. *O Signo da Ira (The Sign of Anger): Ethno-literature and Neo-realism in a Case of Literary Excellence*. In: BORGES, C.; PEREIRA, O.G; STUBBE, H. (eds).

*Goa and Portugal History and Development*. New Delhi: Concept Publishing Company, 2000, p. 398-401.

VALE, Regina Célia Fortuna do. *A literatura de Goa em língua portuguesa e O signo da ira*. Dissertação de Mestrado em Letras. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.